

## Editorial

### **"O contexto da Agroecologia como processo de construção social. A Agroecologia seria perigosamente sábia?"**

São inegáveis os avanços e a afirmação da Agroecologia como um campo de conhecimento neste curto espaço de tempo desde a criação da Sociedade Brasileira de Agroecologia (2004) e da nossa Revista Brasileira de Agroecologia (2006). De um lado o regozijo por seus fecundos resultados. De outro os desafios e inquietações com os infinitos desdobramentos resultantes destas iniciativas, cuja dinâmica social vai impondo os seus caminhos, tanto no que diz respeito ao mundo acadêmico, aos movimentos sociais, as políticas públicas, e especialmente ao principal objeto de nossos esforços: o agricultor.

Também há que se ressaltar as inúmeras iniciativas de construção do pensamento agroecológico como basilar para o conhecimento agroecológico e provocador do processo reflexivo: a expansão da consciência, o pensar para construir conhecimento. Uma ciência feita no mundo real e que exige "olhar" e "ver" para captar toda sua complexidade. Portanto, a Agroecologia nasceu e está crescendo sendo capaz de ver sistemicamente e compreender os processos de desenvolvimento em lugar de meramente olhar e pretender soluções para o desenvolvimento de um dado sistema. Para tanto, nasce colada na abordagem sistêmica e renova-se a cada momento em teorias e práticas interdisciplinares. A presente edição da nossa Revista é uma prova disso: os artigos revelam que as práticas agroecológicas (aspectos de produção e manejo) estão *"pari passu"* com questões tais como reforma agrária, empoderamento das comunidades em dimensões cognitiva, sociológica, econômica e política, condições de vida e qualidade do saneamento ambiental rural, etc. Essas características das publicações tem sido recorrentes na Revista.

Se observarmos as demandas da sociedade (no espectro local-global) e as estratégias das políticas públicas, especialmente das agências de fomento para a formação científica, as grandes questões que deverão merecer atenção tem um nexo profundo com a Agroecologia: a afirmação da agricultura familiar, a questão da água, a preservação dos biomas, as estratégias de desenvolvimento sócio-ambiental (especialmente em regiões de fronteira), a cultura, a paisagem, a energia, a educação profissional, a saúde humana (no marco da saúde ambiental) e o desenvolvimento C&T (com destaque para a inovação, mas também para as Tecnologias Sociais). Ou seja, a Agroecologia tem antecipado estes nexos, e mostra-se como fundamental no enfrentamento destas questões. Sua característica sistêmica e interdisciplinar lhe coloca em lugar privilegiado e de extrema responsabilidade. Por tudo isso, talvez, também tem sido constantemente acossada. Seja pela tentativa do uso indevido de seus propósitos e de sua essência, seja diretamente através da vilania do mundo corporativo dos agrotóxicos, cujos interesses são acolhidos de forma vergonhosa e irresponsável por parte da imprensa. Além do que, contam com o "apoio" buscado nas entrelinhas da própria academia.

A Agroecologia também é tensionada por parte das atuais estratégias de cunho desenvolvimentista cujo tom é dado pelos grandes conglomerados do mundo das commodities agro-pecuárias: vide entre outros, o debate sobre o código florestal e sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte.

Por tudo isso, seria a Agroecologia perigosamente sábia?

Mas o importante é que nestes embates se impõe a fortaleza da dinâmica social. Não é sem motivo que aos Congressos Nacionais de Agroecologia (sete até agora) acodem milhares de pessoas (o último em Fortaleza contou com 2.624 participantes). O tema Agroecologia faz parte de mais de uma centena de cursos de formação (em todos os níveis, incluindo expressivo número de iniciativas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*). A sociedade cada vez mais opta por produtos saudáveis e busca na Agroecologia as soluções. Ou seja, o reconhecimento da Agroecologia é uma realidade, o que permite inferir seu bom caminho, mas por outro lado impõe seus grandes desafios, especialmente a extraordinária responsabilidade que temos todos aqueles comprometidos com sua construção.

Prof. Sergio Roberto Martins